

CAPÍTULO 10 – Purezinha Monteiro Lobato: companheira de vida e obra

Raquel Endalécio Martins

Por que estudar Purezinha Monteiro Lobato?

Dois perguntas que ouvimos muitas vezes durante o desenvolvimento da pesquisa foram: “Por que escolher a mulher do Monteiro Lobato como objeto de pesquisa? Ela também era escritora?” Quando respondíamos que não, que Maria da Pureza era dona de casa, logo vinha outra pergunta: “Mas então, o que ela tem a ver com literatura?”.

Talvez as perguntas de nossos interlocutores se articulem com uma certa tradição dos estudos literários.

Por muito tempo eles se debruçaram sobre as obras ou sobre a vida dos escritores como objeto privilegiado de análise. No caso específico de Monteiro Lobato, estas tendências podem ser magnificamente exemplificadas já por títulos como *Monteiro Lobato, vida e obra* (Edgard Cavalheiro, 1955), *Minhas Memórias dos Monteiro Lobatos* (Nelson Palma Travassos, 1974 [1964]), *Itinerários intelectuais: Vasconcelos, Lobato y sus proyectos para la nación* (Regina Crespo, 2004) e *Presença de Monteiro Lobato* (Éliana Yunes, 1982).

Cavalheiro é um dos primeiros autores que se ocupou da biografia de Monteiro Lobato, recebendo do próprio biografado a seleção de documentos para sua pesquisa – o que talvez sugira que Lobato o escolheu para esta tarefa.

Em um livro de dois volumes, Cavalheiro narra a vida e a carreira do escritor paulista e começa assim:

A noite é límpida e estrelada. Uma leve aragem enfuna suavemente as cortinas do amplo dormitório. Do quintal chegam rumores das mangueiras acariciadas pelo vento. A cidade de Taubaté dorme. Mas no casarão de José Francisco Monteiro, há movimento pelos longos corredores, e as vozes em surdina mal conseguem abafar os débeis gemidos que partem do quarto onde Olímpia, testa banhada em suor, aguarda o filho tão ansiosamente desejado (CAVALHEIRO, 1955, p. 17).

A narração romaneada do nascimento de Monteiro Lobato embala o leitor para conhecer outros fatos de sua vida e a formação da carreira do escritor paulista. Cavalheiro conta sobre a mudança do escritor para São Paulo e a participação dele na *Revista do Brasil*:

Não é nome ignorado nos meios intelectuais da Paulicéia. Pelo contrário, há mais de um ano que sua presença vinha fazendo sentir, de maneira muito especial, não só através da intensa colaboração n’ “O Estado de São Paulo”, mas principalmente na “Revista do Brasil”, fundada em janeiro de 1916, por um grupo de paulistas, com Julio de Mesquita, Luis Pereira Barreto e Alfredo Pujol à frente. Mensário de ciências, letras, artes, história e atualidades, a “Revista do Brasil” se impusera desde o primeiro número pelo excelente critério redatorial. Tornara-se mesmo o mais lido, o mais importante veículo cultural do país (CAVALHEIRO, 1955, p. 187).

O uso de adjetivos e de expressões como “não é nome ignorado entre os intelectuais”, “sua presença vinha fazendo sentir” e “o mais importante veículo cultural do país” vão construindo a imagem de um Lobato imponente que

participa de um grande projeto intelectual – a Revista do Brasil – que mais tarde adquire e transforma em sua editora. Tudo é grande na obra de Cavaleiro e a vida de Lobato tem caráter estelar.

Outra obra posterior, de 1974, *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*, traz a biografia de Monteiro Lobato a partir da perspectiva de Nelson Palma Travassos, admirador que – como Cavaleiro – também conheceu o escritor de *Urupês* pessoalmente. Em uma “nota de advertência” Travassos informa:

Procurei neste livro, mostrar José Bento Monteiro Lobato íntimo – como era e agia. Tentei também interpretá-lo dentro das suas múltiplas personalidades. // Não desejei escrever biografia nos moldes clássicos, porque já o foi admiravelmente realizado por Edgar Cavaleiro. // Este pois, é um volume de memórias e opiniões (TRAVASSÓS, 1974, p. II).

Mas se a vida e a obra de LOBATO subsidiaram estudos tão representativos na segunda metade do século XX (algumas décadas depois da morte do escritor em 1948), já no início do século XXI, fora das fronteiras do Brasil, Regina Crespo desenvolve sua pesquisa de doutorado (que se transforma em livro) comparando as figuras públicas José Vasconcelos, “criador e mecenas do muralismo mexicano” e Monteiro Lobato, “precursor da indústria cultural do Brasil”.

A análise de Crespo alterna capítulos que apresentam semelhanças e particularidades da vida de cada intelectual no seu país de origem. Descrevendo as considerações finais de sua tese na introdução, a autora explica:

En las consideraciones finales, busqué establecer un cuadro comparativo entre las ideas de Lobato y Vasconcelos como intelectuales y hombres públicos de países periféricos. La asociación que Lobato y Vasconcelos establecieron entre sus fracasos personales y lo que consideraban, de manera a veces melancólica y a veces colérica, como el fracaso nacional, sirve como punto de partida no sólo para reflexionar sobre el México y el Brasil que les tocó vivir, sino también sobre los rumbos de cada país, en términos políticos, culturales y económicos (CRESPO, 2004, p. 15).

Considerando estudo como estes, percebemos que é mais recente o interesse dos estudos literários por outros aspectos do mundo da literatura, tais como relações de influências, recepção, materialidade, intertextualidade e condições de produção do texto. São exemplos deles: *Monteiro Lobato livro a livro: Obra infantil* (2008) organizado por Marisa Lajolo e João Luis Ceccantini; *Monteiro Lobato livro a livro: Obra adulta* (2014) organizado por Marisa Lajolo; tese *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato: 1918-1925* (2007) de Cilza Bignotto e tese *Em busca do “Lobato das cartas”: A construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*, de Emerson Tin³⁶⁶.

Os livros *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil* e *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra adulta* comentam o processo de edição de cada obra de Monteiro Lobato. No texto de apresentação de 2008, os autores explicam:

³⁶⁶ Cf. LAJOLO, M. (Org.). *Monteiro Lobato livro a livro: Obra adulta*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2014; LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Orgs.). *Monteiro Lobato livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial, 2008; TIN, E. *Em busca do “Lobato das cartas”: A construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. 535 p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2007; BIGNOTTO, Cilza C. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. 421 p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2007.

As discussões que propomos neste Monteiro Lobato livro a livro pretendem abrir rumos para novas pesquisas – ou simplesmente para novas leituras – dos livros e do autor das histórias do Sítio. Seus capítulos recobrem, de forma instigante e às vezes polêmica, um espectro bastante amplo das questões que vêm pontuando o pensamento brasileiro e encontrando expressão na nossa melhor literatura. Formas de apropriação de diversas matrizes culturais, renovação da linguagem no contato com diferentes formações discursivas, consciência aguda da materialidade do texto, dialética sinuosa entre realidade e ficção, horizonte da história internacional bem como diálogo constante com os vários Brasis de seu tempo fazem parte do Monteiro Lobato que este livro propõe (LAJOLO; CECCANTINI, 2008, p. 9).

A tese de Cilza apresenta as inovações presentes na atividade editorial de Monteiro Lobato nos anos de 1918 a 1925, como uma eficiente rede de distribuição livreira. Em sua conclusão Bignotto sintetiza “Acompanhamos o desenvolvimento da figura do editor, que passou a reunir as atribuições de não apenas imprimir ou vender uma obra, mas cuidar de sua distribuição, de sua publicidade, e mesmo de sua produção junto ao autor” (BIGNOTTO, 2007, p. 402).

Emerson Tin defende em sua tese que Monteiro Lobato constrói várias imagens dele em sua correspondência variando de acordo com o destinatário, a circunstância, o tempo, o lugar e os objetivos das cartas.

É particularmente em relação a este último tópico que esta pesquisa se desenvolve, a partir da noção de sistema literário, apresentada por Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira* (1959). No texto, o autor traz à baila novos elementos para os estudos literários, que se relacionam entre si, visualmente representados por um triângulo, no qual cada um dos vértices representa um dos elementos basilares do sistema: autores, leitores e obras. Nas palavras de Antonio Candido, um sistema literário configura-se por:

um conjunto de *produtores literários* mais ou menos conscientes de seu papel, um conjunto de *receptores*, formando os diferentes tipos de público [...], um *mecanismo transmissor* (de modo geral uma linguagem traduzida em estilos) que liga uns a outros (CANDIDO, 2010, p. 25).

No desenvolvimento desta hipótese, nas últimas décadas, os estudos de Literatura têm aumentado os limites de seu corpus, expandindo seu objeto de pesquisa, identificando e discutindo elementos que fazem a mediação entre os vértices do triângulo. Nesta linha, além da tríade autor, obra e público, estudos literários tem-se ocupado também de outros sujeitos como explica Cida Golin:

A história da literatura, ao longo do tempo, ampliou suas fontes de pesquisa. Do escritor como figura central dos estudos à imanência do texto ficcional, ela expandiu-se pelos vértices do sistema literário, pelos leitores, pelo material original que acompanha a produção de uma obra de arte. Esse estudo privilegia a visão de sujeitos paralelos ao circuito oficial da literatura, ligados a ele somente pela circunstância de serem companheiras de vida de escritores de relevância nacional (GOLIN, 2002, p. 108).

Nesse contexto, surgiram as pesquisas sobre mulheres de escritores, buscando trazer a figura da esposa ao processo de criação da obra, nos sugerindo novas nuances de interpretação. Sobre o tema a autora ainda escreve:

A rotina de trabalho do escritor, no espaço ordenador da moradia, está imersa na temporalidade das ações fragmentadas. Na residência, região de forte ingerência, feminina, as mulheres reivindicam para si a retaguarda do ato criativo, seja na interferência direta no trabalho do marido, seja na organização

prática do ambiente da escrita, local respeitado no cotidiano doméstico (GOLIN, 2002, p. 107).

Como Golin comenta no trecho anterior, muitas mulheres decidem assumir a retaguarda do ato criativo, elas ocupam a posição “por trás dos bastidores” enquanto seus maridos ficam sob as luzes – isso pode se dar por uma escolha, como aponta Golin, ou mesmo como fruto de uma configuração social onde homens tinham mais espaço que mulheres no meio literário. Esse foi o caso de Purezinha, esposa do escritor Monteiro Lobato, que o acompanhou por mais de quarenta anos.

Mas, quem era Purezinha?

Maria da Pureza de Gouvêa Natividade nasceu dia 7 de agosto de 1885 em Taubaté e faleceu em São Paulo em 1959³⁶⁷. Em 28 de março de 1908, casou-se com Monteiro Lobato (1882-1948) passando então a incluir Lobato em seu sobrenome.

Maria da Pureza era filha de Francisco Marcondes de Gouvêa Natividade e de Brázilia de Castro Natividade. Purezinha – como era chamada em família e assinava sua correspondência – era primogênita de muitos irmãos e irmãs: Eneas Natividade, Oscar Natividade, Paulo Natividade, Cesarino Natividade, Heloísa Natividade, Noêmia Natividade, Ana Delfina Natividade³⁶⁸. Teve quatro filhos: Martha (1909-1996), Edgar (1910-1943), Guilherme (1912-1938) e Ruth (1916-1972).

Apesar de ser esposa de uma figura tão famosa como Lobato, encontram-se poucas informações sobre ela. No entanto, podemos conhecer uma “imagem de Purezinha” pelo que relativamente a ela consta, por exemplo, da correspondência ativa do escritor, a saber: *A barca de Gleyre* (1944), *Cartas escolhidas* (1959), *Cartas de amor* (1969), *Quando o carteiro chegou* (2006) e manuscritos depositados no *Fundo Monteiro Lobato* (CEDAE/UNICAMP), além da biografia do escritor.

E debruçando-nos na correspondência lobatina, encontramos atrelados à biografia de Purezinha dados importantes que devem ser considerados em atuais discussões sobre a obra do autor como “o racismo” e “o impasse com os modernistas da Semana de 1922”. Estes são apenas alguns temas que o estudo da biografia de Purezinha pode iluminar no que diz respeito a esse tão representativo escritor brasileiro.

Purezinha Monteiro Lobato: a mulher do escritor

Purezinha era filha de Francisco Marcondes Gouvêa Natividade, que foi professor em um curso Anexo à Faculdade de Direito em São Paulo. Seu avô também era professor: Antonio Quirino Souza e Castro (1837-1920) – ou Dr. Quirino – trabalhou no Colégio São João Evangelista em Taubaté, foi advogado e mestre de Monteiro Lobato.

É, assim, em uma família com tradição de professores homens, que nasce a professora Maria da Pureza de Gouvêa Natividade. O magistério constituía, na época, profissão de vanguarda para as mulheres (CATANI et al, 1997) e a escolha pode ter sido resultado da influência do pai e do avô. Mas, talvez também se incluía,

³⁶⁷ Naturalidade informada nos registros disponíveis no Cemitério da Consolação em São Paulo, capital confirmam informação disponível em *Quando o carteiro chegou: Cartões postais a Purezinha*. Organização e apresentação de Marisa Lajolo transcrição e notas de Emerson Tin. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

³⁶⁸ Ibidem, p. 89.

entre os fatores que levaram Purezinha a ser uma profissional do ensino, um certo veio politicamente engajado de um de seus parentes.

Um dos tios de Purezinha (irmão de seu avô Dr. Quirino), era ninguém menos que o abolicionista Antonio Bento (1843-1898), famoso pela luta contra a escravidão e a interceptação de escravos. Antonio Bento formou-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em São Paulo, foi promotor público em Botucatu e Limeira, e juiz em Atibaia, onde foi responsável pela libertação de escravos que foram contrabandeados após 1831, ano em que foi promulgada a lei que proibia a importação de escravos:

A Regencia, em Nome do Imperador o Senhor D. Pedro II, Faz saber a todos os Subditos do Imperio, que a Assembléa Geral Decretou, e Ella Sancionou a Lei seguinte: Art. 1º Todos os escravos, que entrarem no territorio ou portos do Brazil, vindos de fóra, ficam livres. Exceptuam-se: 1º Os escravos matriculados no serviço de embarcações pertencentes a paiz, onde a escravidão é permitida, enquanto empregados no serviço das mesmas embarcações. // 2º Os que fugirem do territorio, ou embarcação estrangeira, os quaes serão entregues aos senhores que os reclamarem, e reexportados para fóra do Brazil. // Para os casos da excepção nº 1º, na visita da entrada se lavrará termo do numero dos escravos, com as declarações necessarias para verificar a identidade dos mesmos, e fiscalisar-se na visita da sahida se a embarcação leva aquelles, com que entrou. Os escravos, que forem achados depois da sahida da embarcação, serão apprehendidos, e retidos até serem reexportados. (LEI, 1831).

Dilson Lages Monteiro, em seu portal literário *Entretextos* registra alguns aspectos da biografia de Antonio Bento:

Voltou a São Paulo em 1877, onde reorganizou a Confraria de Nossa Senhora dos Remédios e em 1880 conhece Luís Gama, negro e líder do movimento emancipador dos escravos na então Província de São Paulo. // Com a morte de Luís Gama em 24 de agosto de 1882, Antônio Bento assume a liderança do movimento abolicionista paulista (MONTEIRO, 2009).

O tio-avô de Purezinha foi também redator-chefe e provedor do jornal *Redenção*³⁶⁹. Segundo texto divulgado pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo:

A ele era atribuída a liderança do movimento abolicionista conhecido por “Ordem dos Caifazes”, grupo clandestino que promovia ações de resgate de escravos, escondendo e contrabandeando-os para lugares mais seguros, como o quilombo do Jabaquara, em Santos³⁷⁰.

Ao lado de Antonio Bento, outra figura notória na família de Purezinha é René de Castro Thiollier (1882-1968). Ele foi advogado, escritor e intelectual fortemente envolvido com o grupo modernista paulista. Tornou-se, mesmo, um dos mecenas do Modernismo, responsável, por exemplo, pelo aluguel do Teatro Municipal de São Paulo para o evento da Semana de Arte Moderna de 1922.

³⁶⁹ O jornal abolicionista circulou com regularidade em São Paulo de 2 jan. 1887 até a promulgação da Lei Áurea, em 13 maio 1888. Após essa data foram publicados alguns números em caráter comemorativo. O último da coleção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) é de 13 maio 1899. *A Redenção* foi jornal combativo, de cunho manifestamente popular, repleto de ataques a fazendeiros, políticos e a outros jornais que defendiam a instituição escravista. Fonte: JORNAL A Redenção ganha título de Patrimônio da Humanidade.

³⁷⁰ *Ibidem*.

Thiollier era primo de segundo grau de Purezinha, filho do francês Alexandre Honoré Marie Thiollier e de Fortunata de Sousa e Castro Thiollier – irmã de Antonio Bento.

Valter Cesar Pinheiro, expõe em sua tese:

A família de Fortunata opôs-se ferozmente ao relacionamento da jovem com um rapaz grenoblois³⁷¹ de um lado, uma paulista de quatro costados; de outro um simples empregado da casa Garraux. Resistência vencida, Alexandre Honoré e Fortunata casaram-se em 1879 e tiveram dois filhos, René e Marcelo (PINHEIRO, 2014, p. 14).

O pai de René era funcionário da famosa casa Garraux, uma livraria acadêmica em São Paulo que atuou entre as décadas de 1860 a 1930. Alexandre Thiollier, era um francês sem ascendência aristocrática e, como se lê no texto de Pinheiro acima transcrito, teve certa dificuldade em cortejar Fortunata de Souza e Castro, membro de importante família paulistana.

Sobre a família de Fortunata, Pinheiro acrescenta ainda:

Fortunata tinha três irmãos e irmãs: Antonio Quirino, advogado e professor em Taubaté, (avô de Purezinha, esposa de Monteiro Lobato); Clementino, juiz, ministro do Tribunal e Presidente da Intendência; Antonio Bento, o mais conhecido dos irmãos, advogado e abolicionista (a quem René Thiollier dedicaria um estudo histórico-biográfico, *Um grande chefe abolicionista, Antonio Bento*, publicado em 1932); Cerina, baronesa de Itapetinga e Tatuí, proprietária de uma mansão na Praça do Patriarca (cortada para a construção do Viaduto do Chá); Ana, esposa de José Maria Lisboa, fundador e proprietário do *Diário Popular*; e Clementina, casada com Belizário Francisco Caldas. Clementina e Belizário são os pais de Sylvia Teixeira de Carvalho, prima e futura esposa de René Thiollier (PINHEIRO, 2014, p. 14).

Como se vê, entre membros da família de Purezinha, cultivavam-se interesses diversos que se estendiam da militância política de seu tio-avô Antonio Bento ao envolvimento com a vanguarda artística brasileira de seu primo René de Castro Thiollier.

Tais observações tornam curioso pensar que no encontro e casamento de Purezinha com Monteiro Lobato consorciavam-se duas famílias com valores à primeira vista (talvez não apenas à primeira vista?) conflitantes: de um lado temos a família de Monteiro Lobato, neto do Visconde de Tremembé, um fazendeiro aristocrata e de outro a família de Purezinha, tendo entre seus membros um dos principais abolicionistas do país. Outro paralelo que podemos estabelecer é sobre a orientação intelectual de Purezinha e Lobato: o escritor brasileiro é acusado até hoje de retrógrado, antiquado e conservador, por não ter apoiado os modernistas em 1922 e tinha na família da esposa um dos patrocinadores do evento que deflagra o movimento.

Como seria a relação entre essas famílias? Até mesmo Lobato e Purezinha teriam vivido algum impasse ou discordância a respeito do tema? E sobre a obra de Lobato, nos últimos anos, presenciaram-se muitos debates sobre o aceite de seus livros infantis na escola por serem considerados por alguns de conteúdo racista³⁷² –

³⁷¹ Grenoblois: originário de Grenoble, cidade francesa. *DICIONÁRIO Larousse*.

³⁷² Os artigos de José Carlos Sebe Bom Meihy (reunidos em *O outro Lobato: Juca Tatu Taubaté-SP*: UNITAU, 2012) discutem contextos e percursos das acusações a Lobato de racismo. A seguir, trecho do *Parecer do Conselho Nacional de Educação* (CNE/CEB Nº: 15/2010), que considerou a obra *Caçadas de Pedrinho* (1930) como inadequada à sala de aula por conter trechos racistas. O parecer recomenda que: “A obra CAÇADAS DE

o que acharia Antonio Bento a respeito se estivesse vivo na época das publicações de Lobato?

Pensamos que a partir desta pesquisa, podemos subsidiar novas hipóteses sobre as relações intelectuais paulistas no início do século XX, como por exemplo que havia muito mais que a dicotomia “Monteiro Lobato versus modernistas” presente nos livros didáticos, ou a ideia disseminada de um Lobato racista a partir da leitura descontextualizada de seus textos. Por outro lado, sabemos que as respostas para as perguntas citadas no parágrafo anterior não são claras – algumas nem possíveis de se ter, mas o fato é que Lobato e Purezinha namoraram e se casaram, e o encontro deles, segundo Edgard Cavalheiro, biógrafo de escritor, foi na casa do Dr. Quirino:

[...] presença de uma jovem – Maria da Pureza Natividade – que viera da Capital passar uma temporada em casa do avô, o velho Dr. Quirino. A moça é bela, muito clara, “branca como pétala de magnólia, linda” e os rapazes do lugar se apressam em fazer-lhe a corte. Entre eles Lobato, que fora aluno do avô, o Dr. Quirino, a quem agora procura sob o pretexto de jogar xadrez (CAVALHEIRO, 1955, p. 123-124).

Algumas cartas de Monteiro Lobato confirmam as informações do biógrafo, com menos romantismo e mais objetividade que o texto de Cavalheiro. Em carta de 1906, o rapaz – jovem bacharel em direito – comunica seu noivado a Godofredo Rangel (1884-1951) amigo com quem manteve correspondência por toda a vida, cartas publicadas parcialmente em *A barca de Gleyre* (1944):

Estou noivo. Pedi no dia 12 e obtive a 15 a mão de Purezinha, filha do Doutor Natividade que te examinou em Aritmética no Curso Anexo, minha prima longe⁷³, professora complementarista, loura, branca como pétala de magnólia, linda (Carta de Taubaté mar. 1906 - LOBATO, 2010, p. 106).

O fato de Purezinha ser professora estabelece outro vínculo sugestivo entre a família Gouveia Natividade e a de Monteiro Lobato. Edgard Cavalheiro assim registra a identidade da avó materna do escritor:

Uma das aventuras do Visconde deu-se com Anacleta Augusta do Amor Divino, jovem e humilde professora de primeiras letras. Dessa ligação nascem dois filhos: Olímpia e José Francisco (CAVALHEIRO, 1955, v. 1, p. 22).

É, assim, por Anacleta – mãe de Olímpia Augusta Monteiro Lobato – que se fortalecem, contemporaneamente, discussões relativas a uma possível ascendência negra de Monteiro Lobato. O sobrenome de sua avó materna (do Amor Divino) –

PEDRINHO só deve ser utilizada no contexto da educação escolar quando o professor tiver a compreensão dos processos históricos que geram o racismo no Brasil”. Esse parecer foi reexaminado pelo Parecer CNE/CEB 6/2011 que indica “naturalmente, como toda leitura escolar, o livro será lido sob a supervisão de um professor que, como leitor maduro, saberá mostrar que trechos isolados não compõem uma obra e que na literatura não é a soma das partes que fazem o todo. Também não deixará de aproveitar para discutir com os seus alunos os aspectos da realidade que a obra busca representar, articulando a leitura do livro com outras leituras e com o próprio cotidiano da escola, do bairro, da cidade e do país. São critérios de avaliação: a qualidade textual, a adequação temática, a ausência de preconceitos, estereótipos ou doutrinações, a qualidade gráfica e o potencial de leitura considerando o público-alvo.”. *PARECER do Conselho Nacional de Educação (CNE/CEB Nº 15/2010)*.

⁷³ No caderno de anotações de Purezinha, na genealogia da família registrada por ela, os dois têm tataravós em comum: o Sargento Mór Manuel de Moura Fialho e Anna Mar, condes de Oliveira, casados em 1827. Fonte: Acervo Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato, São Paulo.

pela sua forte carga semântica cristã – identifica-se com procedimentos de que lançavam mão escravos e ex-escravos que careciam de sobrenome³⁷⁴.

Em carta³⁷⁵, que Lobato enviou à amada, dias após o noivado, ele reclama da demora da noiva em responder:

Esprei hoje a resposta da minha de sábado, mas o carteiro chegou de mãos vazias, enchendo-me de tristeza. Vi que de tua parte nenhuma pressa existe em proporcionar-me momentos felizes que serão os em que te ler. Paciência! Esperemo-la para amanhã (Carta de 24 set. 1906 - LOBATO, 2011, p. 28).

O tema é recorrente: já no dia seguinte, 25 de setembro, o jovem noivo reclama mais uma vez da demora, ameaçando, em um PS, devolução dos cartões postais que recebera dela. A ameaça parece combinar bem com a ironia da paródia da oração católica (*Seja feita a tua vontade*) e, no fecho, com o emprego de abreviaturas usadas em correspondência comercial / oficial (*consideração de V. Ex^a C.o.O^e e att^o vened*), bem como o formalismo representado pelo nome / sobrenome da assinatura:

Ainda hoje o carteiro não me trouxe coisa nenhuma. É, pois, certo que não queres corresponder comigo. Paciência! Seja feita a tua vontade. Nunca mais incomodar-te-ei com minhas cartas. Está ficando sendo a última. // Com toda a estima e consideração de V. Ex^a C.o.O^e e att^o vened^{er},
J. B. Monteiro Lobato

P.S. Deseja a devolução dos cartões que possuo em meu poder? (Carta de 25 set. 1906 - LOBATO, 2011, p. 28).

No mesmo dia 25 de setembro, o impaciente noivo envia cartão-postal endereçado a Purezinha e à sua irmã Noêmia (LAJOLO, 2010, p. 27-28), escrito em código perguntando-lhes se há alguém zangado com ele e assinando como “primo Juca”. Na cuidadosa transcrição de Emerson Tin³⁷⁶, lê-se: “P. que não respondem aos meus cartões? Estarão zangadas comigo? Vêm à festa? Do primo Juca”. Vale notar que o “texto” está circundando a imagem, ou seja, fora do espaço convencionalmente destinado – em postais – para a mensagem. Aliás, no cartão, não há este espaço.

Tanto a duplicação das destinatárias quanto a formalidade da assinatura podem indicar diferentes estratégias de Lobato na tentativa de sensibilizar a noiva para uma correspondência mais regular.

Parece que a estratégia funcionou

Podemos supor que a resposta tenha sido imediata, apesar de não dispormos da carta pela qual Purezinha teria respondido ao noivo. Carta deste, datada de 30 de setembro, menciona carta de Purezinha de 28 de setembro:

Meu amorzinho

Encheu-me de remorso a tua de 28, mas um consolo resta e é que se te causei alguma tristeza, foi-lhe causa o muito, o grande amor que te tenho. Não pude

³⁷⁴ Relativamente a ecos cristão de sobrenomes de ex-escravo, Cf. SILVA, M. A. de S. S. *As cartas de alforria e de compra e venda de escravos em Morada Nova*. A questão também fica sugerida na revisão de biografias lobatianas discutidas por Sebe Bom Meihy, op. cit.

³⁷⁵ A correspondência que Monteiro Lobato enviou a Purezinha antes do casamento está reunida em *Cartas de amor* (1969) com organização de Cordélia Fontainha Setta. A editora Globo lançou nova edição do livro em 2011.

³⁷⁶ A edição informa que a partir da leitura das várias cartas de amor de Lobato, foi possível a decifração do código presente no cartão-postal.

suportar a ideia de que demorasses tanto em responder à minha primeira carta de noivo. // Entrei a arquitetar mil suposições e, cheio de dor e tristeza, deixei escapar palavras que te magoaram. Mas espero da bondade de teu coração que já nenhum ressentimento exista nele contra mim. Amar é perdoar, sempre e constantemente – se é que me amas, perdoado estou de há muito tempo. Se eu te tivesse amor menos intenso, é claro que aquela demora nenhuma dor me causaria; mas não sendo assim, é mais uma prova te dei do que vivo a afirmar. (LOBATO, 2011, p. 30-31)

Purezinha teria ficado irritada e triste com a desconfiança do noivo? Se tinha acabado de aceitar se casar com Lobato, qual seria o motivo de tamanha desconfiança dele? Ele não sabia que ela era ocupada e trabalhava como professora na capital?

Mas, em outra carta, datada do mesmo dia 30 de setembro, mesmo depois de se desculpar por ter entristecido a noiva, justificando sua insegurança com o amor que lhe diz ter, Lobato volta a queixar-se das cartas que Purezinha lhe enviara, criticando o “excesso de cerimônia” usado por ela:

Não tens nada dentro de ti, Purezinha? Não tem uma coisa a que chamam alma e donde saem as palavras, as ideias, os pensamentos e os assuntos? És tão parcimoniosa no escrever... dizes com tanta cerimônia as coisas... Por que não me escreves atabalhoadamente, borrando, riscando o papel, sem ordem, sem estilo, sem correção, sem nada desses estorvos gramaticais? Só assim se pode bem exprimir um sentimento (LOBATO, 2011, p. 31).

Monteiro Lobato pede mais espontaneidade e que a noiva escreva “atabalhoadamente, borrando, riscando o papel, sem ordem, sem estilo, sem correção, sem nada desses estorvos gramaticais” para que expresse melhor seu sentimento por ele. Aparentemente, Lobato detém-se em aspectos materiais da carta, como a limpeza do papel e a correção de linguagem e pede-lhe mais espontaneidade.

Mas pedir isso a uma “professora complementarista” – que lecionava no primário e ensinava o capricho da boa escrita?

Purezinha estudou no Curso Complementar – que funcionava junto à atual Escola Caetano de Campos em São Paulo – entre 1896 e 1901. O curso complementar foi criado pelo governo de São Paulo entre 1890 e 1911 como tentativa de aumentar o número de professores formados, que antes vinham apenas da Escola Normal. Considerando que um (a) professor(a) complementarista tinha as mesmas prerrogativas profissionais de alguém formado em curso Normal, Tony Honorato comenta o momento vivido no cenário da educação do Estado de São Paulo:

O fato é que a questão sobre a demanda de professores era muito acentuada. Por isso, dentre outras razões, os legisladores republicanos paulistas precisariam encontrar uma solução para formação/diplomação de professores. Foi neste sentido que a proposta de escola complementar colaborou para solução paliativa do problema a partir de 1896 (HONORATO, s. d.)

Em carta de 1906, Lobato escreve a Purezinha que pretendia enviar-lhe uma carta pela diretora do colégio³⁷⁷, que estava de viagem em Taubaté:

Miss Stafford ia levar uma cartinha minha que já estava escrita, mas como no dia em que ela foi eu tive que ir a São Roque, só voltando à tarde, perdi a portadora (LOBATO, 2011, p. 47).

³⁷⁷ Na época, Purezinha trabalhava no colégio dirigido por Miss Stafford.

A correspondência amorosa de Lobato, nos revela que já naquela época, uma professora tinha muito trabalho. Em carta de 19 de julho de 1907, o noivo reclama do excesso de trabalho da moça:

Não fiquei satisfeito em saber que tu andas acumulada de serviço no colégio. Magrinha como estás a que estado ficarás reduzida com esse acréscimo de tarefa! (LOBATO, 2011, p. 109).

Outra estratégia que usaria com seu público leitor, anos depois, é de pré-anunciar um novo texto, antes de seu lançamento – como faz com Purezinha em cartão-postal de 25 de fevereiro de 1907 (LAJOLO, 2006, p. 30-31). Nele o jovem promotor anuncia “uma grande carta” para o próximo dia, como se lê: “Estou me preparando para te escrever amanhã uma grande carta... Espera-a! Juca”.

O uso do objeto direto “a” ao lado do verbo “espera”, produz também uma continuidade no som – o que valorizaria a espera – recurso atualmente utilizado em histórias em quadrinhos e mensagens eletrônicas.

Mas talvez esse excesso de cartas e cartões enviados por Monteiro Lobato não fosse suficiente para a bela professora. Em carta de 26 de janeiro de 1908 para o pai de Purezinha, o jovem noivo relata a conversa que tivera com Purezinha, na qual ela reclama o estado incerto do compromisso dele – uma vez que já se tinham passado quase dois anos de noivado.

Essa “confabulação” entre eles, teria motivado Lobato a escrever ao Dr. Natividade pedindo que apressasse a data do casamento, pois Purezinha encontrava-se insegura quanto aos seus propósitos de matrimônio, o que a impedia de engordar:

Doutor Natividade

Vim hoje de Areias visitar Purezinha e depois duma longa confabulação assentamos em eu lhe escrever pedindo para marcar a época do nosso casamento abreviando-a o mais possível, por vários motivos. O primeiro e o principal é o estado de incerteza e de “no ar” de que se queixa Purezinha e que lhe faz mal, trazendo inquietações de toda a espécie e impedindo-a de engordar.

Casados passaremos aqui vários meses e ela poderá constantemente chegar até aí, matando assim as saudades, e se preparando para a separação mais prolongada da nossa comarca.

O casamento poderá ser feito aí ou aqui, numa igreja, para facilitar e, evitar à dona Brazilia o transtorno e a maçada de, com doente em casa, receber e lidar com os inevitáveis convivas.

Purezinha abunda nestas ideias e se não o escreve é devido à sua excessiva reserva.

Passo a segunda e terça-feira aqui à espera de sua resposta (LOBATO, 2011, p. 166-167).

Lobato havia pedido Purezinha em casamento em 1906, quando ainda era apenas Bacharel em Direito e não tinha emprego. Um ano depois, o avô consegue para ele uma colocação como promotor público na comarca de Areias, no entanto, o casamento ainda não se concretizara. Por outro lado, Purezinha já era professora desde 1901, quando se formara na escola complementar, e trabalhava no Colégio de Miss Stafford na capital paulista. Mas se os dois trabalhavam – e possivelmente possuíam renda e apoio de suas famílias – por que depois de quase dois anos ainda não tinham se casado? Talvez esse tenha sido o contexto da conversa entre Purezinha e Lobato, que resultou no matrimônio dois meses depois.

Não sabemos na realidade quais teriam sido as indagações de Purezinha, suas questões e queixas a Lobato, o que sabemos, no entanto, e que o casamento foi realizado dia 28 de março de 1908 em São Paulo.

Em 3 de março de 1909, nasce Martha, a primeira filha do casal, e Purezinha se ocupa em cuidar da filha, enquanto o marido continua exercendo a Promotoria Pública em Areias.

Em carta de 2 de setembro de 1909, Lobato escreve ao amigo Rangel sobre como a esposa está atenta as traquinagens da filha:

A Marta está uma turuninha, engatinha muito bem, diz papai e mamãe como as bonecas e já mostra dois dentes. Percorre a casa inteira com uma curiosidade sem fim, vendo e pegando tudo. E leva à boca o que encontra. Ontem, num momento de descuido da pagem, pegou uma lagartixinha tonta e levou-a à boca. Se Purezinha não aparecesse no momento, comia-a (LOBATO, 1957, p. 267-268).

É interessante pensarmos como Monteiro Lobato se preocupava com a imagem da esposa que construía aos amigos. Nas cartas anteriores, ele a descreve como uma mulher sábia na “ciência prática feminina”, capaz de resolver problemas práticos: como o cuidado com a filha. Por outro lado, quando o amigo lhe pede uma fotografia da esposa e da menina, ele responde não ter nenhum “bom retrato de Purezinha” para enviar – ou talvez nenhum que combinasse com as descrições que fazia dela. Outro fato curioso é que Lobato colecionou fotografias que tirava de Purezinha durante toda a vida:

Não tenho nenhum bom retrato de Purezinha e Marta. Por Areias passou antigamente um fotógrafo – e toda gente recorda-se com saudades do tempo em que podiam fixar as caras. Lá para o fim do ano vamos para São Paulo e então terá o que pedes. Também Purezinha tem muita vontade de saber como é a cara de dona Bárbara. Se tem retrato que dê ideia, venha (Carta de Areias, 7 jul. 1909 -LOBATO, 2010, p. 215).

Em carta de 19 de agosto de 1912, Lobato envia as fotografias solicitadas pelo amigo e escreve “Mando uma fotografia dos meus pintos empençados no pai-capão³⁷⁸. E a da capelinha. E a de Purezinha feito Madona” (LOBATO, 1957, p. 330). De forma irreverente, Lobato constrói a imagem que deseja de sua esposa e filhos.

Em 7 maio de 1910, nasce o segundo filho do casal: Edgar. Purezinha e Monteiro Lobato passam os primeiros meses do bebê na casa da família Natividade em São Paulo. Purezinha e Lobato estão casados há dois anos, já têm filhos e Lobato parece ainda não “saber o que quer da vida”, pensando em ir viver na praia, e enquanto Lobato cita Zola na carta ao amigo Rangel, Purezinha atende ao pequeno Edgar que chora:

Não é por falta de tempo que te não escrevo e sim por falta de sossego. Estou em casa de meu sogro, onde há muita gente, filhas que estudam piano (uma toca o dia inteiro o *Chribiribi*) e onde há três pessoas surdas, ou de “ouvidos duros”, de modo a produzir-se muito falar gritado. E há mulheres, que surdas ou não, falam demais e sempre alto – e não há um cantinho sossegado onde um pobre cérebro possa pensar pensamentos como os nossos. [...] Ando querendo dar nova direção à minha vida, e por causa disso tomei mais três meses de licença. [...] Não sei o que fazer de mim, se vou para Caçapava, se fico em S. Paulo ou retorno para Areias. Também ando a pensar em Ubatuba por causa do mar. Todo um ano só mar, mar, mar, como no *Joie de Vivre* de Zola, em que o mar marulha desde a primeira página até a última. [...] O meu Edgar chora, o piano

³⁷⁸ Pai-capão: alegoria a tipo de frango capado e gordo.

toca o *Chiribiribi*, as mulheres falam, os surdos gritam, um canário trina. O barulho não é uma ficção, Rangel (Carta de São Paulo, 20 maio 1910 - LOBATO, 1957, p. 288-289).

Purezinha tinha acabado de dar à luz ao segundo filho – enquanto a primeira tinha pouco mais de um ano – ou seja, eram dois bebês na casa, o que colaborava para o barulho do qual o marido reclamava. Talvez por isso, eles decidem passar mais alguns meses em São Paulo e vão morar na Rua Formosa, 53 – na tentativa de mais privacidade, ou menos barulho em casa.

Alguns meses depois, Purezinha perde seu pai em Taubaté, fato registrado por Lobato em carta de 27 de setembro de 1910 a Rangel: “Tua última me pegou em Taubaté para onde vim por três dias em virtude da morte do meu sogro, a 13 do corrente” (LOBATO, 1957, p. 295).

Com três anos de casados, Lobato começa a queixar-se da esposa. Ela teria perdido sua “agulha de estimação” – que tanto lhe tinha sido útil em tempos de solteiro. Mas por que ele se reclamaria da falta de uma agulha, se agora tinha uma esposa, que provavelmente pregava todos os seus botões caídos? Talvez, o que Lobato reclamasse fosse a autonomia e independência que não encontrava mais na vida de casado como comenta em outras cartas também:

Em estudante eu tinha uma cama, uma cadeira de balanço, uma canastra e uma agulha – minhas propriedades paravam nisto. Essa agulha me fora dada aqui, certa vez por uma velhinha de nome Nh’Ana Rosa. Conservei-a toda vida espetada na gola e com ela preguei todos os meus botões caídos. Chegou a entortar de tanto uso a coitadinha. Pois há de crer Rangel, que logo que me casei a primeira coisa que Purezinha faz foi perder a minha agulha, histórica e tão amiga? (Carta de Taubaté, 4 abr. 1911 - LOBATO, 1957, p. 299).

Na mesma carta, Lobato informa ao amigo a morte de seu avô, o Visconde de Tremembé. O avô lhe deixa de herança uma fazenda, onde vai morar com a família. Purezinha deixa a vida na pacata Areias e vai viver na fazenda com o marido e os filhos – o que provavelmente mudou sua rotina familiar, uma vez que com a herança, seu marido virou “proprietário de coisas”:

Tua carta chegou-me ao voltar eu da missa de 7º dia de morte de meu avô. Faleceu a 27 de ruptura de aneurisma, como se previa. Um grande homem, o meu avô e grande amigo meu. Esse fato vem mudar minha vida. Já não volto para Areias – abandono a carreira. E com pesar. Aqueles dias lá passados, sem serviço como promotor, todo entregue ao mais absoluto borboleteio mental [...] Minha vida agora vai ser de “proprietário”. [...] E agora vou ser proprietário de coisas – casas, terras, fazendas (Carta de Taubaté, 4 abr. 1911 - LOBATO, 1957, p. 300).

Em carta com data provável entre 1912 e 1913, Lobato informa a irmã que ganhará mais um sobrinho ou sobrinha e lhe conta os nomes que pensa em pôr no filho: “eu vou bem de saúde e Purezinha me acompanha esperando para logo. Se for homem será Lopo, ou Roupinho, ou Trutezinho. Quero nome quinhentista a ver se lhe pega o brio daquelas eras. Vai haver polêmica grossa” (LOBATO, 1959, p. 149).

O bebê nasce, em 1913, e recebe o nome de Guilherme. Sugestão da mãe? Não sabemos com certeza, no entanto, anos depois Purezinha é acusada de “mimar” o filho, presenteando-o com um *Ford*.

Em 1915, a família decide passar alguns meses em Caçapava, interior de São Paulo. No processo da mudança, o marido alugou uma casa antiga “com alcovas

escuras, sem jardim, sem ar, sem nada”. Como poderiam viver com três crianças em uma casa assim? Purezinha teria reclamado com Lobato, exigindo uma casa mais moderna, com pintura nova, clara, ou seja, adequada para se viver com a família:

Meu atraso para com você vem da bacanal doméstica que se chama “mudança”. E a mim a coisa triplicou. Resolvemos passar alguns meses nesta cidade, mas com a pressa tomei a casa errada – uma daquelas coisas horríveis em que moravam os nossos bisavós, com alcovas escuras, sem jardim, sem ar, sem nada. Depois que vim com a família e a bagagem é que dei pelo erro. Começaram os suspiros da esposa. Tive de levar a família para Taubaté até que concluíssem cá a pintura de outra casa, moderna e como se quer. E como ontem me instalei, só hoje posso por em dia a correspondência (Carta de Caçapava 16 jan. 1915 - LOBATO, 1957, p. 5).

Mas parece que a vida doméstica não é só reclamação. Em carta de 6 de fevereiro de 1915 ao amigo Rangel, Lobato agradece os elogios que tem recebido e diz que não pode dormir por ser “uma espécie de tição em brasa” com sua esposa Purezinha. Se em outra carta se define como um “galo-capão”, agora afirma sua virilidade e completa “Pobre Purezinha”, como se a esposa não tivesse escolha frente a masculinidade do marido:

É a Gloria que começa, Rangel. Os adjetivos vão se chegando, como ratinhos ao queijo. Vêm primeiro os camundongos de todos os dias. Depois começam a aparecer ratazanas – ratos mais raros. “Flamante!” Isto me cheira a rato raríssimo, já é coisa oiginal, flamboyant, das que queimam e tiram o sono à gente. Como irei dormir em paz, Rangel, se sou flamante, chamejante, uma espécie de tição em brasa? Pobre Purezinha... (LOBATO, 1957, p. 17-18).

No mês seguinte, em 30 de março de 1915, Lobato continua exaltando sua masculinidade, apresentando dois tipos de mulheres: uma para procriar e outra (fora do casamento) como Aspásia³⁷⁹ – mulher do grego Péricles – exaltada por sua beleza e inteligência:

Em matéria feminina, estou que a boa mulher, a certa para esposa, é a quituteira, mentalmente divorciada do marido e que lhe dá liberdade de esvoaçar. A monogamia não é agradável a Deus. O que Deus quer é forma grega: esposas procriativas no gineceu e Aspásias no jardim (LOBATO, 1957, p. 26-27).

Se em outros momentos, ele apresenta Purezinha como uma mulher inteligente, que lê seus textos e palpita, na carta acima, o escritor exalta as qualidades domésticas da esposa, usando-as quase como desculpas para ter outras “Aspásias no jardim”, usando de ironia dizendo que “a monogamia não é agradável a Deus”. Se, o marido teve ou não outras mulheres fora do casamento, não temos certeza, mas o que sabemos é que Lobato gostaria de aparecer ao amigo como macho viril frente ao uma esposa do lar, que cozinhava bem e lhe dava filhos.

No ano seguinte, em 29 de fevereiro de 1916, nasce Ruth, a quarta filha do casal. Purezinha não teria passado bem, ao contrário dos outros partos, talvez por isso sempre procurasse ficar perto da família (da mãe) nos seus “resguardos”. No último, não conseguiu amamentar a filha, como alternativa buscou uma ama de leite para o bebê, no entanto não teve sucesso, pois a ama não passou bem:

Purezinha conquanto não fosse tão feliz como dos partos anteriores, já está de pé há muitos dias. O que teve foi talvez uma leve recaída, do que resultou ficar

³⁷⁹ Lobato apresenta a figura de Aspásia no conto “Na casa de Fídias”, em *O Minotauro* (1939) – reimpresso em *Literatura do Minarete* (1959).

sem leite. Arranjamos ama, mas com tão pouca sorte que a bicha no 10º dia caiu de cama com um furibundo acesso de reumatismo agudo e grita como se estivesse assando viva (Carta a Esther sem data - LOBATO, 1959, p. 150).

Seis meses após o nascimento da filha, de Lobato propõe que a família se mude para o Rio de Janeiro, no entanto, Purezinha acha inviável e prefere São Paulo, cidade que conhece bem.

Demorei-me em escrever por causa da corrimaça. Estive meio mês no Rio e dez dias em S. Paulo, donde voltei ontem. Minha (in)tenção era fixar-me no Rio, onde pelo menos há *la natureza* e o Wenceslau; mas a mulher dispôs o contrário. Quer São Paulo e, pois, muito a contragosto, tenho de fixar-me em S. Paulo, terra bem pior que Buquira (Carta de Caçapava, 24 set. 1917 - LOBATO, 1957, p. 151).

Mais uma vez, uma decisão de Purezinha prevalece. Lobato diz que gostaria de ir a Minas Gerais, mas não foi possível por conta da vontade da esposa:

Meu projeto de ir a Minas gorou. Venha você a São Paulo. Meus projetos goram como ovos, porque não sou um, sou dois. Eu ponho, Purezinha impõe (Carta de São Paulo, 4 nov. 1917 - LOBATO, 1957, p. 160).

Em outra carta ao amigo Rangel (Carta de São Paulo, 1918), Lobato comenta que temeu que a esposa lesse sua correspondência. O escritor teria escrito algo relacionado ao peso das mulheres: algo que se Purezinha (ou Dona Bárbara) lesse, provavelmente se sentiria ofendida, o que causaria problemas a ambos os maridos. Mas afinal, que mulher gosta que falem de seu peso?

Escapei da grande encrenca. Purezinha não viu a carta. Eu te disse aquilo muito de propósito para que tua mulher lesse. O caso foi assim. Esteve cá não sei quem de Minas e me contou que te achara excessivamente magro e tua mulher muito gorda. E vou eu então é escrevo aquilo, para que ela emagrecesse um pouco e desse modo se aproximasse do equilíbrio conjugal quanto ao peso. Ótimo sistemas das mulheres lerem as cartas do marido: serve até para fins terapêuticos... (LOBATO, 1957, p. 174-175).

Nos anos seguintes, enquanto Lobato empenha-se na criação da editora e gráfica: a Monteiro Lobato & Cia, Purezinha continua como dona de casa, cuidando dos filhos.

Em 1925, São Paulo passa por uma crise elétrica (falta de água na Cantareira), que atinge diretamente a empresa do marido, o que leva a família a falência:

Não sei como desfechará o nosso caso. A situação piora. A Light, que prometera restabelecer a força este mês, avisa hoje que fará nova redução na energia fornecida. Só podemos trabalhar agora 2 dias por semana! E como a horrenda seca que determinou esta calamidade continua, é voz geral que teremos completa supressão de força em novembro. O desastre que isto representa para S. Paulo é imenso; e como se juntou à crise de energia elétrica a crise de água da Cantareira e a crise bancária o mal é enorme. Até o recurso de montarmos um motor Diesel falhou; depois de assentado, faltou-nos água para o resfriamento. Verdadeira calamidade, Rangel (Carta de São Paulo, 10 jun. 1925 - LOBATO, 1957, p. 277).

Os altos e baixos nas finanças de Monteiro Lobato são constantes: quando pediu a mão de Purezinha em casamento, apesar de ser neto do Visconde de Tremembé, não tinha emprego, depois por interferência do avô conseguiu cargo de promotor público em Areias, onde trabalha até herdar a Fazenda Buquira com a morte do Visconde. Depois de fazendeiro, vira dono de revista e editora, até que sua empresa

vai à falência. E Purezinha? Qual seria sua posição frente aos arroubos financeiros do marido? Como lidaria com tamanha instabilidade?

Ao que parece, ela era precavida e mantinha economias próprias em paralelo ao marido, ajudando-o a pagar dívidas inclusive:

No momento, só posso arranjar 1:000\$000 que o Heitor poderá receber no Otales em São Paulo. // Logo que tenha mais, irá. Esse dinheiro não é tirado dos 3 mil contos que eu *roubei* à companhia. Nesse bolo ainda não buli. É produto de artigos de jornal e da economia de Purezinha. Mas o fim da maquia está perto (Carta a Esther escrita do Rio de Janeiro em princípios de 1926 - LOBATO, 1959, p. 189).

Outro fato que nos sugere a “independência financeira” de Purezinha é ela ter podido dar um carro ao filho Guilherme, a contragosto do pai. Tão a contragosto, que Lobato aponta o presente da esposa ao filho como causa da morte do rapaz:

Espero que com a nova medicação você sare de uma vez, como sarou meu filho Gui, o que se parecia com você. O Gui sarou, teve alta, voltou para S. Paulo e de lá foi veranear em Taubaté, onde tinha muitos amigos, parentes e namoradas. E como Purezinha lhe havia dado um Ford, ele abusou – três meses depois reapareceu em S. Paulo magro e recaído. Voltamos para Campos do Jordão e não houve cura possível. Isto que estou dizendo que fique entre nós. Purezinha não admite que se toque no assunto – mas a causa da morte do Gui foi aquele Ford... [...] Recomendações de Purezinha e Rute, a qual te pede que dê lembranças ao Miranda (Carta a Paulo Dantas escrita de Buenos Aires no Natal de 1946 - LOBATO, 1959, p. 204-205).

Depois da morte de Guilherme, Lobato diz que “Purezinha não admite que se toque no assunto”; ela não queria mencionar o tema por se sentir culpada? Ou talvez por não aguentar ser responsabilizada pela morte de um dos filhos, depois de ter dedicado a vida toda a eles? Ela devia ficar tão contrariada com a situação e insinuações do marido que não permitia que se tocasse no assunto. Os estados de ânimo de Purezinha não conhecemos com certeza, no entanto, sabemos que por sua vontade Lobato não deveria retomar o tema da morte de Guilherme em ambiente doméstico, e quando o fez, tentou escondê-lo da esposa (talvez com medo das consequências).

Depois que sua editora em São Paulo faliu, Lobato e a família mudam-se para o Rio de Janeiro. Os pertences deles foram leiloados para que então refizessem a vida no Rio. Momento delicado vivido por Purezinha, mudar de cidade por causa da instabilidade financeira do marido, deixar uma rede de relações toda para trás. Deve ter sido difícil para ela:

Purezinha resigna-se, mas não aceita o Rio. Não sai de casa. Não quer divertir-se. Cultiva, em suma, aborrecimentos como os hortelões cultivam couves – estercando-as e regando-as todos os dias (Carta a Esther escrita nos fins de 1925 do Rio de Janeiro - LOBATO, 1959, p. 183).

Mas o tempo vai passando e as coisas vão voltando para o lugar. Os problemas que pareciam ser grandes, vão perdendo força, e Purezinha adapta-se à vida carioca:

Meu caro Heitor: só estou arrependido de uma coisa – não ter falido há mais tempo. Tenho a impressão de que voltei, depois de longo exílio numa Itália híbrida, à minha terra natal. O Rio é único e vale a pena falir para cair neste manguê encantado. Tenho um sonho: ganhar dinheiro para construir uma casa em Águas Férreas, ali pelo meio da Rua Cosme Velho. É positivamente um encanto! Reúne toda a beleza de Sta. Teresa e Tijuca sem as desvantagens desses dois paraísos. Meu medo era que Purezinha não se ajeitasse para cá, amiga do

borralho como é. Veio nervosíssima, magra, arrenegando e jurando que não aceitaria nunca a nova terra. Pois em tão poucos dias já está mudada, está outra e vai acariocar-se rapidamente (Carta a Heitor escrita do Rio de Janeiro com data 16 out. 1925 - LOBATO, 1959, p. 184).

Dois anos depois, a família de Monteiro Lobato vive mais uma grande mudança. Ele é nomeado adido comercial do Brasil e muda-se com esposa e filhos para os Estados Unidos. Talvez essa mudança tenha sido mais agradável e mais fácil que a última. Agora, o marido tinha um emprego público novamente e a família toda iria se mudar para Nova Iorque: “Estou a fazer a bagagem. A 27 de abril, sigo de mudança para os Estados Unidos, para onde fui nomeado Adido Comercial” (Carta do Rio de Janeiro, 23 mar. 1927 - LOBATO, 1957, p. 299-300).

Em sua estadia nos Estados Unidos, parte da família ficou doente, exceto Purezinha. Na carta³⁸⁰ que escreveu ao amigo Alarico Silveira, Lobato descreve a esposa como sendo “de ferro”. Mas será mesmo? Ou será que alguém tinha que manter-se bem para cuidar do restante da família?

Um ano depois, em carta de 18 de abril de 1929, Lobato registra o desespero de Purezinha frente ao filho Edgar, doente:

Imagine quanta encrenca. Purezinha impressionadíssima de vê-lo doente e só, justamente quando mais cuidados de família exige e eu preso, sem poder ir com ele (LOBATO, 1959, p. 284-285).

Edgar vai ao Brasil e fica aos cuidados da tia Esther, o que não é suficiente para acalmar a mãe preocupada. Teca envia à cunhada fotos do rapaz ainda em recuperação:

Na carta de 20 de março de 1930, Lobato escreve ao cunhado Heitor sobre as preocupações de Purezinha em relação ao filho:

Purezinha logo que recebeu a carta de Teca contando tudo caiu numa prostração terrível e passou o dia chorando. Que dia! Além da má notícia daí, a Marta, que depois do parto ia passando sem a menor novidade, apresentou-se com qualquer coisa no seio e teve de regressar ao hospital onde está em observação e talvez tenha de ser operada. O *baby* por sua vez apanhou um forte *cold* e lá foi também para o hospital (Carta a Heitor de Nova Iorque, 20 mar. 1930 - LOBATO, 1959, p. 300).

Purezinha já era avó e se desdobra em cuidar dos filhos. Ela se preocupava com Edgar e ajudava na recuperação de Martha³⁸¹. Tudo com a dedicação de uma “mãe de filho único”.

Em 1929, Monteiro Lobato, como muitos outros, investiu tudo o que tinha – inclusive o dinheiro que recebeu vendendo a parte dele na Companhia Editora Nacional – na Bolsa de Nova Iorque, o que aumentaria ainda mais as preocupações de Purezinha:

Nada diga a Edgar dos meus prejuízos, nem a Purezinha quando estiver com ela. Tenho guardado segredo e espero reestabelecer as finanças sem que ela o perceba. Para que aumentar a aflição do aflito? (LOBATO, 1959, p. 306).

Em 1931, Purezinha volta com a família para o Brasil e vão morar na capital paulista. Lobato chega ao país entusiasmado com as indústrias americanas e vem com

³⁸⁰ “Caí doente, eu e todos da casa, exceto Purezinha, que é de ferro” (carta a Alarico escrita de Nova Iorque com data de 10 abr. 1928). LOBATO, M. *Cartas escolhidas*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 228.

³⁸¹ Encontramos registros na correspondência de Monteiro Lobato de duas ortografias do nome da filha: Marta e Martha.

a intenção de trazer ferro e petróleo ao Brasil. Tais ideias, no entanto, lhe causam sérios problemas políticos.

Durante esse período, em 1938, Purezinha perde seu filho Guilherme. Nas cartas de Lobato dos anos seguintes não encontramos registros nem comentários sobre a morte do rapaz, como mencionado anteriormente. Só em carta de 1946, escrita a Paulo Dantas, o escritor paulista comenta a morte do filho com tom de pesar. Lobato atribui a morte de Guilherme a um presente dado por Purezinha – um carro – e sugere que ela também carregue um sentimento de culpa, não admitindo que se tocasse no assunto. Talvez, por isso, esse tema não tenha sido encontrado na correspondência da época.

Em março de 1941, Monteiro Lobato é preso pelo seu engajamento político a favor do petróleo. Em carta a Purezinha escreve agradecendo o cuidado dela com ele, providenciando itens básicos – mas de suma importância para quem está preso (ceroulas, lenços, meias, pijama, aspirina):

Imagine agora o meu prazer quando ontem recebi um pacote. Abri e vi logo você ali – ceroulas, lenços, meias, pijama novo e aspirina. Que presente, Purezinha! Como qualquer coisinha é todo um mundo para quem está sem nada! Repeti mil vezes o teu nome, e hoje de manhã, ao acordar e ver em cima da mesa as coisas, peguei nas meias e beijei-as... Imagine agora a que fica reduzida uma criatura depois de anos de prisão se eu só com dois dias já estou assim.

Foi o primeiro contacto com o mundo externo, esse presente que V. m mandou. Que alegria imensa me causou! Foi o mesmo que receber a tua visita (LOBATO, 1959, p. 72).

Em outro trecho da mesma carta, Lobato lamenta não ter seguido (nem mesmo consultado) os conselhos da esposa. Que conselhos teriam sido estes? Quais seriam as opiniões de Purezinha que o levariam a um caminho diferente?

Só contarei o que é a vida em prisão. É a gente sozinho com o pensamento e nunca o pensamento trabalha tanto. Mas de tanto trabalhar acaba girando num círculo, isto é, volta sempre às mesmas coisas. Os pontos que formam o círculo do nosso pensamento, ou as estações em que o pensamento para, para pensar sempre a mesma coisa, são – 1º você. Penso em V. com uma ternura imensa e um imenso dó, e culpo-me de um milhão de coisas. Meu dever era só cuidar da tua felicidade, Purezinha, e, no entanto, passei a vida a te contrariar e a fazer asneiras que tanto nos estragaram a vida. Se eu tivesse ouvido em negócios, minha situação seria hoje de milionário. Não ouvi, nem sequer te consultei, e o resultado foi desastroso. Cheguei até à prisão! (LOBATO, 1959, p. 70).

Nesse período, o filho Edgar fica doente dos pulmões mais uma vez e Purezinha vai para Campos do Jordão cuidar do filho.

Em 1943, Edgar morre.

Nos meses seguintes, a família recebe a notícia de que o amigo Alarico Silveira havia falecido. Purezinha – também em luto – compartilha o sofrimento da amiga Elisa Silveira³⁸²:

Purezinha, aqui ao meu lado, pede-me que inclua aqui os seus sentimentos de pêsames. Em sua dor de mãe Purezinha avalia muito bem uma dor de esposa (Carta a Elisa Silveira, viúva de Alarico Silveira – S. Paulo, 6 mar. 1943 – LOBATO, 1959, p. 96-97).

³⁸² Elisa Silveira e seu esposo Alarico Silveira haviam passado temporada em Nova Iorque com Monteiro Lobato e a família. Cf. LOBATO, M. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

Em 1943, após a morte de Edgar, Lobato responde a carta da sobrinha Gulnara (viúva do filho) – que provavelmente estaria passando por dificuldades, para além do luto, e omite tal carta da esposa – para não lhe causar mais sofrimento. Talvez porque Purezinha quisesse interferir ou sentisse ainda mais a morte do filho, sabendo a falta que ele fazia para nora e o neto Rodrigo: “Não mostrarei sua carta à Purezinha para não agravar a aflição do aflito. Lá na editora cuidarei de obter novas traduções – você não perca o pé na José Olímpio. Andar a dois carrinhos é sábio”. (LOBATO, 1959, p. 113)

Em 1944 Lobato publica *A barca de Gleyre*³⁸³, que reúne as cartas que enviou ao amigo Rangel por mais de quarenta anos (1903-1944) e escreve a seguinte dedicatória:

Nesta casca de árvore quero escrever três nomes: o de Purezinha, a Mater Dolorosa com a qual vou descendo o morro, de mãos dadas e saudades em comum; o de Marjori, a criaturinha que simboliza todas as que se lembram de mim e que escrevem; e qual seria o terceiro, se não o de Ricardo o Inesquecível? (LOBATO, 1957, p. 15).

O escritor paulista dedica seu livro aos seus leitores (na figura de Marjori), ao seu amigo Ricardo, que havia praticado suicídio e a Purezinha que o acompanha sempre. É curiosa a cena composta por Lobato ao lado da esposa “a Mater Dolorosa com a qual vou descendo o morro”, ela se contrapõe a outra imagem registrada nas *Cartas de Amor* em tempos de namoro:

Que saudades, Purezinha, tenho!...Não do passado, mas do futuro. Já notou você que se pode também ter saudades do futuro? Tenho saudades da nossa vidinha de casados metidos numa casa que seja um ninho onde nós ambos cultivaremos, rindo, a planta da felicidade... Havemos de ter no quintal uma árvore grande cheia de orquídeas, com uma mesinha em baixo e duas cadeiras de balanço. Às tardes calmosas aí iremos depois do jantar, esperar o café – você vestida de um quimono japonês, eu de dólma branco – conversar, recordar. É dessas coisas, Purezinha, que eu tenho saudades, muito mais do que tudo que já se passou. E tu? também não anseias por esse tempo feliz? (LOBATO, 2011, p. 23-24).

A expectativa do casal de namorados se contrapõe à realidade e a passagem dos anos. Se a carta de 1906 registra a esperança de uma vida calma e a imagem de uma mulher cercada por orquídeas em uma cadeira de balanço, quarenta anos depois, Lobato vê a esposa como uma companheira de jornada – uma mãe que perdera dois de seus filhos – e a saudade agora, não é mais do futuro, porém são tristes lembranças compartilhadas entre os dois.

Em 1946, Purezinha e a família mudam-se para a Argentina

De Buenos Aires, Monteiro Lobato escreve para sobrinha Gulnara, contando das vantagens de estarem fora do Brasil, dentre elas a privacidade e a liberdade de não terem que se preocupar com muitos “amigos”, fãs e admiradores que aborreciam até Purezinha:

Mas a grande delícia disto é ver-me (e a Purezinha também) livre de mil “Amigos” e penetras e fãs, e admiradores e parasitas de toda ordem que já andavam abusando demais” (Carta a Gulnara escrita de Buenos Aires em 7 set. 1946 - LOBATO, 1959, p. 192).

³⁸³ A primeira edição de *A barca de Gleyre* foi publicada em 1944. Novas edições (1946 e 1948) foram publicadas com o acréscimo de cartas.

Em 1947, decidem voltar para o Brasil, e em carta de 12 de fevereiro a Arthur Coelho, Monteiro Lobato lamenta ter que voltar a São Paulo não tendo uma casa própria, pois nunca tinha priorizado isto antes; acrescenta ainda que a língua e Purezinha são a razão para que voltassem ao país:

Os versos estão muito engenhosos, e sempre com uma pontinha de humor de sujeito de boa saúde, de felicidade no lar e com casa própria – coisa cuja falta me anda a fazer um grande mal, pois quero voltar para S. Paulo e não encontro casa. Minha política sempre foi não ter casa própria, para quando saísse do Brasil (velho sonho) nãoz ter esse pretexto para voltar – e Purezinha e a Língua me forcem hoje a voltar, mesmo sem casa própria... (Carta a Coelho escrita de Buenos Aires em 12 fev. 1947 - LOBATO, 1959, p. 216).

Em 4 de julho de 1948, Purezinha fica viúva

Uma das imagens de Purezinha que Lobato nos revela em suas cartas é a de uma Purezinha doméstica, se relacionando em família: mãe, esposa, amiga, filha; mas com certeza essa não é a única Purezinha que ele compõe. Pelas mesmas lentes – a correspondência lobatiana – também conhecemos uma mulher instruída, bem-educada e que assume posturas críticas: uma Purezinha intelectual. Na tese de doutorado *Um perfil de Maria Pureza Monteiro Lobato* (2018), sob orientação da profa. dra. Marisa Lajolo, na Universidade Presbiteriana Mackenzie³⁸⁴, tratei também do perfil intelectual de Purezinha presente nas cartas de Monteiro Lobato, além de documentos inéditos como páginas do caderno de anotações de Purezinha, correspondência que trocava com autores e intelectuais de Taubaté, manuscritos que apontam para o papel gerenciador da obra e da imagem do escritor paulista após sua morte.

A pesquisa sobre a vida e participação de Purezinha na obra de Monteiro Lobato ainda necessita de trabalho rigoroso e aponta para novas interpretações e análises tanto da obra de Lobato quanto das relações do sistema literário brasileiro na primeira metade do século XX.

³⁸⁴ Disponível em <<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/3756/10/Raquel%20Endal%c3%a9cio%20Martins.pdf>>, acesso em 1 jan. 2022.